

Desvendar um pouco os meandros desta poesia

(sobre a obra «Meandros Translúcidos» de M. S. Barroso)

por João Ricardo Lopes

*Gosto de sentir os ritmos puros, o jardim alado
das palavras, quando paira sobre mim a sombra dúctil,
uma alquimia secreta e observo instintivamente
os seres minúsculos, um esqueleto calcário*

Maria do Sameiro Barroso, *Meandros Translúcidos*

Num pequeno mas inspirado texto-prefácio à sua «Antologia Breve», Eugénio de Andrade fez notar que “O acto poético é o empenho total do ser para a sua revelação”, acrescentando o quanto “... esse ser sedento de ser, que é o poeta, tem a nostalgia da unidade, [o quanto] procura [a] reconciliação, [a] suprema harmonia entre luz e sombra, presença e ausência, plenitude e carência.” (edição FEA, 1999, p. 11)

Vem esta introdução a propósito de «Meandros Translúcidos» de Maria do Sameiro Barroso, edição que em boa hora a editora Labirinto deu à estampa, e sobre a qual se têm produzido comentários de grande elogio e de franca justiça, agregando esta poetisa ao património colectivo da Língua Portuguesa, na esteira de outros nomes e, em particular, de outras mulheres que tanto a valorizaram e valorizam, casos de Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Teresa Horta, Agripina Costa Marques, Maria Teresa Dias Furtado, Maria do Rosário Pedreira, Ana Luísa Amaral, Ana Marques Gastão, entre outras.

Início com as duas palavras que compõem o título, «Meandros Translúcidos». Creio não representarem apenas uma escolha ocasional. São por si só, pelo modo como se engastam uma na outra, uma excelente definição de poesia, encorpando as palavras na dignidade de veículos de

sentido, uma proposta estética, ilustrando o quanto de sinuoso cabe no trabalho poético, a musculatura densa de ritmo e música, de imagens e reflexão, tal como a palavra “meandro” sugere, atraindo porém sobre si a luz procriadora de vida, a visão translúcida, límpida e clara da verdade e sobretudo da revelação.

Este é um conjunto harmonioso de cinquenta e um poemas, relativamente longos, com características entre si muito similares (do ponto de vista formal) e complementares (no que concerne às temáticas) e portanto parte de um todo que nos permite pensar existir um só poema (macropoema) em cinquenta e um andamentos, espécie ao mesmo tempo de sinfonia e de grande mosaico, onde a autora propõe um regresso, ou vários regressos, às origens do homem ocidental, à cultura greco-latina, mas também aos clássicos europeus propriamente ditos, nomeadamente italianos e alemães, reconstituindo nos seus versos a seiva que por outras árvores literárias, musicais e até mesmo filosóficas se propagou e de que somos herdeiros distintos, herdeiros por exemplo de Teócrito, Homero, Píndaro, Safo, Pausânias, mas também de Dante, Camões, Hölderlin, Fernando Pessoa, Bach, Vivaldi, Mozart, Beethoven, Paganini ou Rachmaninov, entre tantos outros. Citemos alguns versos a propósito: “Crescendo pelo linho, um hálito de treva, urze e maresia, / cobria-se de líquenes, rosados violinos, / enquanto ecos de Wagner perfuravam a bruma, / e um alado silêncio, um reverso de plumas, / era uma sonâmbula dança a habitar o sol [...]” (cf. poema “No céu de anémonas negras”, p. 38); “Invento a mitologia do silêncio e os barcos são girassóis azuis, / corolas de água, escondendo papiros, pergaminhos, / um violino, o contorno de um corpo [...] / os deuses da Antiguidade, eram talvez um silêncio coberto de luz, / a manhã irrompendo, / na névoa que me devolvia a sombra e os murmúrios, / entre o *Adagio* de Albinoni e António Ramos Rosa, / as suas *Figuras Solares*.” (cf. poema “Dois poemas para António Ramos Rosa, parte II, p. 73)

Resulta desde uma primeira leitura desta obra a impressão de existir nela uma procura obstinada do elemento poético, digamos daquilo que se poderá designar por “poeticidade do real”, razão por que Maria do Sameiro Barroso tantas vezes entretece magníficas enumerações descritivas, mistura de empírico e irreal, onde os nomes e os adjectivos substantivo adquirem a fulguração de lumes vivos, e razão também por que a autora prefere a metáfora a outros tropos, por que nos delicia com o exótico de elementos sensuais, perfumes, flores, lugares, paisagens, colorações, no fundo tecidos raros numa realidade tantas vezes grosseira e banal, sublimada assim pelo toque do poeta. Destacamos, como exemplo, o poema “Abóbadas Imprecisas”, no qual se relevam o cromatismo, o visualismo, a excelência dos sentidos, a fruição do “eu poético” face ao mundo captado e traduzido em poema: “Sobre um leito de açucenas, as cicatrizes amontoam-se. // [...] o mar suspenso entre constelações preciosas, / as palavras crescendo, / a terra vibrando num ritual análogo de velas, redes, / sargaços, sulcando a luz, os sons do nevoeiro; // os cachos, as páginas, os frutos revolvidos / diante do maravilhoso enigma da relva que respira / e vive, no lacre silencioso, fechado numa garrafa de mar. // Nas antigas gretas da geadá, há borboletas rosadas, / inesperadas lunações, cristais preciosos / e a vida pode ser um início, um princípio, / entre feridas sem regresso, abóbadas imprecisas, / guizos que chocalham // pássaros unguídos com água de chuva, / insectos sobre nenúfares lavrando a caligrafia / ardente, sublime // sob a lua abundante que segredá uniões.” (p. 15)

Este texto pode a vários níveis ler-se como modelo dos outros, não só pela já observada recorrência da metáfora, como também pela presença de um ritmo constante do dizer, uma musicalidade do verso, como ainda pelo hábil recurso à aliteração, em sequências como “sargaços sulcando a luz” ou “relva que respira”, sobressaindo por outro lado neste (como em

vários outros textos) a presença do mar, a sua vitalidade única, signo de força que nos devolve ao princípio, que nos orienta num regresso às origens e ao enigma da existência e (ou) do ser.

Outra das singularidades maiores deste livro funda-se na belíssima construção do “teatro do poema”, isto é, no desenho de cenários, de paisagens de uma evocação íntima e quase inefável onde somos convidados a entrar, como se o movimento da escrita mais não fosse do que uma cortina de ouro que delicadamente a poetisa destapa ou volta a estender sobre das e sobre as coisas, do e sobre o seu próprio deslumbramento nos caminhos do mundo. Podemos, de certo modo, inscrever esta poesia numa “escrita de viagem”, fruto sublime da sua passagem por vários lugares do Mediterrâneo, nomeadamente pela Grécia e por Itália, sendo manifesto o fascínio por palcos onde outrora existiu o que hoje chamamos de “berço cultural” da Europa. Reiteram-se excertos como : “Uma e outra luz, assim se diz a luminosidade inteira, / um perfume oculto sob os telhados de Florença, / uma névoa rara, um fruto estranho. / Dos cofres do silêncio, as brisas sopram, / e os olhos pairam, entre flores de espuma, espadas antigas. [...]” (cf. poema “Uma janela em casa de Dante Alighieri, p. 83); “Escrevo, sobre crinas insolúveis, porque as ervas/ e as flores aromáticas se enunciam, / precipitando o canto, os archotes, entre abelhas, / litánias douradas, / negros diádemas fundindo o céu, a terra, / anunciando Ártemis e os seus touros sagrados. // E a água não cessa de correr, nas artérias da sede. / Nos élitros dos insectos, as nuvens ardem / e o silêncio não conhece limites, / [...] na luz subterrânea que emerge, / junto à Fonte de Adriano e à Biblioteca de Celso, / onde as rosas do instante se anunciam, / nos arcos do passado, nas pombas, nos mármore, / no tempo enunciado por Heraclito, / escutado, / no silêncio que paira, / sobre as ruínas de Éfeso.” (cf. poema “Crinas insolúveis”, pp. 94-95)

Parece-nos absolutamente inquestionável uma demanda do e pelo renascer do esplendor clássico, até mais propriamente helénico, tanto que Maria do Sameiro Barroso projecta na sua

escrita uma paixão veemente pela mitologia grega, visitando-a e revisitando-a constantemente, recorrendo a ela para de novo cantar o amor e a harmonia do mundo, a beleza imaterial e puríssima do tempo, das estações, das flores, do espírito humano no seu quê de indizível e imperecível: “[...] Nas terras verdes da Frígia, Orfeu cantava, / pois nunca dizem adeus os seres que se amam, / se as chamas clamam, mais rubras nos celeiros ardentes. [...] // O mundo era então um livro órfico, onde as Dríades, / irmãs de Eurídice, choravam o abraço perdido, / o ardor encontrado, / enquanto Orfeu tangia, na lira doce, o canto, / a morada imortal, / sobre as rosas trazidas do Hades.” (cf. poema “Rosas trazidas do Hades”, pp. 100-101)

Facilmente nos damos conta da extraordinária riqueza vocabular desta obra, ou se preferirmos, da nobreza de palavras raras e de uso escasso, palavras como “lunações”, “cácidas”, “élitros”, “clâmides”, “turmalinas”, “vergel”, “ranúnculos”, “turquesas”, “ânforas”. Com efeito, numa sugestão que a própria autora define como “palavras carregadas de símbolos” (di-lo no poema “Tacteando o néctar, a neve, os cabelos telúricos”, p. 13), é-nos despertada uma semelhança com a poética de Camilo Pessanha, o mais simbolista de todos os escritores portugueses, também ele apegado ao imaginário oriental, no seu caso o chinês, como em Maria do Sameiro Barroso, o é a Grécia Antiga e talvez um pouco mais latamente a Ásia Menor e o Médio Oriente: “Sonhava o tempo puro dos desertos e das lâmpadas, / o pólen translúcido acumulava-se. / O ouro reconciliava a noite. / Lia algo sobre os caminhos para Petra, os mistérios nabateus, / os peixes excêntricos do Mar Vermelho. // Gosto da proximidade dos desertos. / Aí, procuro a água, o mel, a sombra espessa, as rosas / petrificadas, no universo fluido das areias e dos ventos. [...]” (cf. poema “Sonhava o tempo puro dos desertos e das lâmpadas”, p. 24)

João Cabral de Melo Neto, poeta e ensaísta brasileiro, apontou duas formas primordiais e antagónicas de construir o poema — “[...] para uns o momento inexplicável de um achado [...]”

para outros as horas enormes de uma procura [...]” (cf. «Poesia e Composição», Angelus Nova, Editora, 2003, p. 5). Curiosamente, neste livro há a síntese perfeita das duas formas de “composição”, e há também diálogos e intersecções com outros autores portugueses contemporâneos, de Sophia de Mello Breyner Andresen a António Ramos Rosa, mas também a influência e o estudo de poetas como Hölderlin, Rilke, ou os citados Cummings, Saint-John Perse e Pierre-Jean Jouve.

Em «Meandros Translúcidos», demiurgo é o gesto do poeta, alquímico o efeito da palavra sobre o silêncio. Brota assim uma poesia que se entretetece de luz, de música, de exotismo, poesia profundamente lírica, celebrando a vida e as origens, e o amor e os mistérios, qual Sibila ou Musa.

Talvez possamos de novo lembrar Eugénio de Andrade, de novo a sua “Poética”, sobretudo quando assinala que a fidelidade do poeta é antes de mais “[...] fidelidade à terra onde mergulha as raízes mais fundas [...]” (FEA, 1999, p. 13) E fundas são as raízes que de longe nos chegam e que a muito longe Maria do Sameiro Barroso não temeu procurar: “Já zumbiam os besouros, nos poemas de Teócrito, / e o amor não fazia mais que tomar de assalto / o peito coberto de flores, / a escutar as neblinas do mar. // Nos casulos da vida, já os frutos caminhavam, / entre o vinho e os cedros, / que um concerto do luar desvelava, / nos acordes das cítaras. [...]” (cf. poema “Os pomos de Dioniso”, p. 88).

Braga, 27 de Dezembro de 2006

João Ricardo Lopes